

José Manuel Santos
Pedro M. S. Alves
André Barata

(Coordenadores)

A FENOMENOLOGIA HOJE

ACTAS DO PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
FILOSOFIA FENOMENOLÓGICA

OUTUBRO-DE 2002

(Universidade da Beira Interior)



Patrocínios

Fundação Calouste Gulbenkian



Centro de Filosofia da UL

A FENOMENOLOGIA HOJE

phainomenon

OUTUBRO
2002

estudos de fenomenologia

A FENOMENOLOGIA HOJE

Actas do

I Congresso Internacional da AFFEN

(Associação Portuguesa de Filosofia Fenomenológica)

FICHA TÉCNICA:

TÍTULO: A FENOMENOLOGIA HOJE. Actas do Primeiro Congresso
Internacional da Associação Portuguesa de Filosofia
Fenomenológica

COORDENADORES: José Manuel Santos, Pedro M. S. Alves, André Barata

EDITOR: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS: APPACDM – Braga

TIRAGEM: 500 exemplares

ISBN: 972-8531-17-6

DEPÓSITO LEGAL: 201177/03

ÍNDICE

Índice	7
Apresentação	
JOSÉ MANUEL SANTOS	11
I – ORIGENS, PASSADO, PRESENTE	
Asombro, Tiempo, Idealización – Sobre el comienzo griego de la Filosofía	
KLAUS HELD	15
1962. Os paradigmas de Kuhn (Quando Heidegger acaba e Derrida começa lendo Husserl)	
FERNANDO BELO	29
¿É a Fenomenoloxía unha filosofía para o século XXI?	
M. ^a LUZ PINTOS PEÑARANDA	47
II – DISCIPLINAS, MÉTODOS E FUNDAMENTOS	
La hermenéutica fenomenológica y la cuestión del sujeto	
RAMÓN RODRÍGUEZ	61
Da destruição fenomenológica à confrontação: Heidegger e a incompletude da ontologia fundamental	
ALEXANDRE FRANCO DE SÁ	73
Fenomenologia e ontologia em Edith Stein: uma teoria do eu e da pessoa	
ETELVINA PIRES LOPES NUNES	87

Edmund Husserl e Ernst Cassirer CARLOS MORUJÃO	99
Para uma tentativa de fundamentação da imaginação GABRIELA CASTRO	113
III – FILOSOFIA DO CONHECIMENTO E DA MENTE	
La Constitución del mundo objetivo ISIDRO GÓMEZ ROMERO	125
Équivoques de l'idéalisme phénoménologique DENIS SERON	137
Fenomenologia e o problema mente/corpo URBANO MESTRE SIDONCHA	143
IV – FILOSOFIA PRÁTICA	
O Princípio da Não-Indiferença: E. Levinas e o (Anti)Humanismo Contemporâneo JOÃO VILA-CHÃ	163
Levinas e a sensibilidade como comunicação originária PAULO SERRA	181
Intersubjectividade e dupla contingência: presenças da fenomenologia na teoria geral da sociedade de N. Luhmann EDMUNDO BALSEMÃO PIRES	201
V – RETÓRICA E FILOSOFIA DA LINGUAGEM	
Retórica e Hermenêutica TITO CARDOSO E CUNHA	223
A Hermenêutica de Gadamer e o princípio da caridade RUI SAMPAIO DA SILVA	237

A concepção da linguagem na fenomenologia hermenêutica de Paul Ricoeur FERNANDA HENRIQUES	249
A Fenomenologia da comunicação à Luz da Primeira Investigação Lógica, de E. Husserl PEDRO M. S. ALVES	273
VI – AISTHESIS: ACTUALIDADE DE MERLEAU-PONTY	
El sentido de la <i>aisthesis</i> en M. Merleau-Ponty M. ^a CARMEN LÓPEZ SÁENZ	299
A Questão do Espaço no <i>Le visible et l'invisible</i> de M. Merleau-Ponty LUÍS ANTÓNIO UMBELINO	311
Merleau-Ponty e o Cepticismo RUI BERTRAND ROMÃO	325
Fenomenologia, arte e sentir ISABEL MATOS DIAS	335
VII – FENOMENOLOGIA DO TEMPO	
Fenomenologia do tempo e poética narrativa em P. Ricoeur MARIA LUÍSA PORTOCARRERO	349
A experiência patológica do tempo. Para uma fenomenologia da forma temporal IRENE BORGES-DUARTE	365
VIII – FENOMENOLOGIA E EXISTÊNCIA	
Fenomenologia: inversões e transparências? JOAQUIM CARDOZO DUARTE	385

Entre Fenomenologia e Existência – Acerca do ensaísmo filosófico de Eduardo Lourenço JOÃO TIAGO PEDROSO LIMA	393
O tema de Deus em Husserl MARIA JOSÉ CANTISTA	401
Trascendencia y exceso. <i>Transcotidianeidad y eclosión de la donación</i> CÉSAR MORENO	413

APRESENTAÇÃO

Neste número especial da revista *Phainomenon* são agora publicados os textos que estiveram na base das comunicações feitas no Primeiro Congresso da AFFEN – Associação Portuguesa de Filosofia Fenomenológica, que teve lugar na Universidade da Beira Interior, na Covilhã, nos dias 17 e 18 de Outubro de 2002.

A escolha do tema deste Congresso, “Fenomenologia Hoje”, teve por intuito a apresentação de uma panorâmica das diferentes temáticas, problemáticas e direcções nas quais, em Portugal, se está a desenvolver investigação em filosofia fenomenológica. A par de investigadores portugueses, foram convidadas personalidades estrangeiras, de reconhecido mérito científico e originalidade filosófica, que deram uma ideia, nas suas conferências, da vitalidade da filosofia de inspiração fenomenológica na actualidade.

Numa conferência proferida em Viena, em Maio de 1995, na comemoração do 60.º aniversário da famosa conferência feita na capital austríaca por Edmund Husserl, o sociólogo Niklas Luhmann considerou estarem associados ao “nome de marca” “fenomenologia”, nos nossos dias, “inúmeros mal-entendidos, que são como as algas que cresceram no casco de um navio que desde há muito navega pelos mares do mundo”. Resta saber se na história do pensamento o movimento não resultou muitas vezes da insistência em “mal-entendidos” frutuoso, e se as algas, até de um ponto de vista sistémico, visto que são organismos vivos, não são pelo menos tão interessantes como o navio. Esta alusão ao *bon mot* luhmanniano serve para dizer que a AFFEN não se considera guardiã de uma qualquer ortodoxia fenomenológica e não pretende restaurar a pureza de um qualquer dogma. Uma ideia importante, partilhada desde o início por todos os que tomaram a iniciativa de concretizar o projecto da sua criação, a começar pelo seu primeiro Presidente, o Prof. João Mirrado Paisana, foi a de uma grande abertura filosófica.

A filosofia universitária actual, para além dos que se dedicam ao necessário trabalho de estudar a história dos conceitos e dos grandes filosofemas, está partilhada entre duas grandes correntes, sendo a filosofia de inspiração fenomenológica e hermenêutica uma delas. Muitas autores

Para uma tentativa de fundamentação da imaginação¹

Gabriela Castro²

A questão da tentativa de uma fundamentação da imaginação nasce ao longo do trabalho que realizámos sobre o estudo da *imaginação em Paul Ricoeur*. Durante esse tempo tivemos a oportunidade de trocar algumas impressões com Jean Ladrière que nos aconselhava sempre, no seu jeito de grande intelectual onde a humildade se interliga com a profunda sabedoria “madame, ce qu’il faut c’est chercher le fondement”. Confessamos que de início não entendemos bem o conselho, pois não era esse o trabalho que nos propúnhamos realizar, mas justificar a tese de que a imaginação é a noção funcional da unidade da obra de Paul Ricoeur dispersa pelos actuais campos da investigação filosófica: fenomenologia, hermenêutica, filosofia da linguagem, da política, da religião, ética e estética³, e ontologia. No entanto, aquela orientação, tão simples na sua formulação porém tão profunda na

¹ Este trabalho começou por ser uma Carta ao Professor Jean Ladrière, a quem devemos o incitamento filosófico para tentarmos fundamentar a imaginação. Porém, e por razões que se prendem com o perfil desta comunicação, o tom pessoal teve de ser relegado para segundo plano, mantendo-se, no entanto, o fundamental.

² Maria Gabriela Couto Teves de Azevedo e Castro, professora auxiliar da Universidade dos Açores, doutorada nessa universidade com a dissertação *A imaginação em Paul Ricoeur*, publicada pelo Instituto Piaget em 2002.

³ É uma realidade que a obra de Ricoeur se estende pelos diferentes campos que formam o corpo da reflexão filosófica, no entanto, se quiséssemos classificá-la sob uma única dimensão, em que campo da filosofia a colocaríamos? Esta é uma questão que várias vezes foi colocada ao próprio filósofo, e por ele várias vezes rejeitada. Apesar disso, algumas tentativas de resposta apontam, com frequência, para uma predominância da ontologia. Ora, para Ricoeur, o seu pensamento é uma *ontologia quebrada*, isto é, uma reflexão aberta, uma reflexão a caminho. A unidade que Ricoeur anuncia não é uma unidade intelectualmente apropriada. Trata-se de uma unidade a ser vislumbrada, como Moisés vislumbrou a Terra Prometida (Cf. Ricoeur, P., 1969, p. 27), mas jamais entrou nela. É uma unidade como horizonte e como limite que conta com a noção de imaginação como seu conceito funcional e seu substrato unificador.

sua exigência filosófica, acabou por ser o farol de toda a investigação e a hipótese da tentativa da fundamentação da imaginação foi ganhando corpo à medida que o trabalho de investigação sobre a imaginação ia avançando. Ora, encontrar o fundamento da imaginação não é, certamente, tarefa fácil e por isso, esta comunicação é apenas uma *tentativa*, que partilhamos convosco. Nesta *tentativa* apontamos, somente, os pressupostos capazes de, ao serem desenvolvidos, justificarem uma *fundamentação da imaginação*.

Para o efeito desenvolvemos este trabalho procurando responder a três questões:

- 1.^a Quais os contributos de Ricoeur para uma possível fundamentação da imaginação?
- 2.^a O que é fundamentar?
- 3.^a O que poderia ser a fundamentação da imaginação?

Quais os contributos de Ricoeur para uma possível fundamentação da imaginação?

A imaginação «merece um estudo aprofundado»⁴, segundo convicção de Maria Manuela Saraiva, na sua obra *L'imagination selon Husserl*, posição que partilhamos, pois a imaginação coloca um problema permanente à reflexão filosófica, ainda não resolvido: o do seu papel para o conhecimento do próprio homem.

Estudá-la ao longo da obra de Paul Ricoeur foi um trabalho desafiador e interessante, na medida em que esta noção, na obra deste filósofo, apesar de deter uma importância relevante, não se encontra trabalhada de um modo explícito. Ela é uma realidade implícita e funcional ao longo de todo o percurso reflexivo do filósofo. Todavia, a imaginação não é, na obra de Paul Ricoeur, uma noção estática e fechada, sobre a qual o filósofo compõe o seu pensamento. Ela vai ganhando conteúdo, num caminhar intelectual progressivo da simples reprodução para a posição de sustentação absoluta no domínio da criatividade. Ao longo da obra de Paul Ricoeur, desde os anos cinquenta aos oitenta (na nossa dissertação chegamos apenas à análise de *Temps et récit*, obra que Ricoeur afirma poder ser situada na «linha de uma filosofia da imaginação que teve o seu ponto de partida em *La symbolique du mal*»⁵), passamos por diferentes modelos de imaginação à

⁴ Saraiva, Maria Manuela – *L'imagination selon Husserl*, 1970, p. XI. *A imaginação segundo Husserl*, 1994, p. 13.

⁵ Ricoeur, P. – *Réflexion faite*, 1995, p. 70, tradução portuguesa, p. 120. O sublinhado é nosso.

medida que o filósofo vai questionando diferentes momentos da vida do pensamento ocidental. Assim, em *A Imaginação em Paul Ricoeur*, passamos pela imaginação volitiva, pela imaginação social, presente nas obras onde o filósofo trata o tempo e a utopia, pela imaginação transcendental, sobre a qual nos debruçaremos neste trabalho, pela imaginação ilusória, encontrada em 1965 no diálogo de Ricoeur com Freud, pela imaginação hermenêutica, inaugurada em *La symbolique du mal* e finalmente pela imaginação criadora, aquela que é a dimensão subjacente e fundante do poder auto-criador do homem.

Sendo a imaginação um tema que acompanha o pensamento filosófico desde os seus primórdios, vemos que ela está presente desde o mito à contemporaneidade. Porque somos o resultado de uma tradição, de uma cultura e de uma civilização ocidentais, as obras dos nossos grandes mestres encontram-se interligadas por vectores temáticos justificativos da trama do pensar, do ser e do agir que os caracterizam. Com efeito, a obra de Paul Ricoeur não foge a esta verdade e, por isso, nela podemos encontrar influências das noções de imaginação existentes em Platão, Aristóteles, Descartes, Kant, Husserl e Sartre, pois são estes os filósofos que mais directamente o influenciaram.

Nos labirínticos caminhos de estudo da imaginação ao longo da história a questão da sua fundamentação ia-nos conquistando o interesse, na medida em que esta busca nos revelava a inteligibilidade da imaginação como um termo primeiro da constituição ontológica do homem, o que aliás Ricoeur vislumbrou, já na década de cinquenta, sem no entanto desenvolver, ao assumir em *Le Volontaire et l'involontaire*, que a imaginação criadora «serve de trampolim para o conhecimento das estruturas humanas»⁶. Ela serve de trampolim precisamente porque por ela e nela se encontra o seu próprio elemento constitutivo, escondido, necessitando de ser captado pela compreensão, mediante um processo especulativo de regressão à inteligibilidade do princípio constituinte, que neste momento não sabemos ainda qual poderá ser, mas que proporemos no final desta comunicação.

Numa panorâmica da obra de Ricoeur podemos ver que na fenomenologia da vontade a imaginação está presente desde o começo do estudo ricoeuriano. Na “Introdução Geral” de *Le volontaire et l'involontaire* pode ler-se que toda a elaboração do estudo sobre a vontade assenta num pré-juízo apoiado num exemplo imaginário. Afirma Ricoeur: «As essências do querer, é o que compreendo sobre um único exemplo, a saber sobre um exemplo imaginário, quando digo: projecto, motivo,

⁶ «(...) sert de tremplin à la connaissance des structures humaines», Ricoeur, P. – *Le volontaire et l'involontaire*, 1950, p. 31.

necessidade, esforço, emoção, carácter, etc. Uma compreensão esquemática destas funções chave precede todo o estudo empírico e indutivo conduzido por métodos experimentais emprestados das ciências da natureza»⁷. É esta compreensão directa do sentido do voluntário e do involuntário que Ricoeur quis antes de mais elaborar, e pelos quais colocou em cena a imaginação.

Ao aplicar o método fenomenológico às vivências activas e afectivas da consciência, o filósofo ultrapassou o modo como a imaginação era entendida até então, isto é, como faculdade coadjuvante do acto do conhecimento, e possibilitou a sua inteligibilidade como a dimensão fulcral e necessária para a compreensão do próprio homem.

A imaginação volitiva é, na obra de Ricoeur, uma imaginação estética fenomenologicamente integrada na descrição eidética do acto volitivo. Os grandes representantes fenomenológicos deste século que inspiraram Ricoeur entendem a imaginação a partir da noção de *visée*⁸, como um modo especial ou modificado de se abrir ao mundo, isto é, de ver o mundo. Por isso a definição de imaginação é, quase sempre, ligada à percepção. Recordamos que Husserl descreve o acto de imaginar como um modo *neutralizado* de ver, Sartre como um modo *irrealizado* de quasi-ver e Merleau-Ponty como um *complemento dialéctico* do ver.

Este privilégio conferido ao modelo visual está intimamente relacionado com o primeiro desempenho concedido à “descrição” no método fenomenológico. Com a viragem – ousamos dizer, a reviravolta – hermenêutica, nos estudos ricoeurianos, este privilégio sofre uma séria revisão. À medida que se avança da *Wesenschau* para o *Verstehen*, da descrição eidética para a interpretação, a imaginação passa a ser considerada já não tanto como o terceiro termo do acto fenomenológico capaz de visionar o fenómeno para a consciência, mas em termos de substracto edificante da linguagem. Esta nossa afirmação entronca directamente no âmago do universo ricoeuriano onde a imaginação é entendida como uma dimensão indispensável na criação de sentido, e na inovação semântica, que se dá na e através da linguagem.

A descrição eidética do acto volitivo revelou a noeticidade da vontade como estrutura triádica assente em três pilares distintos, o decidir, o agir e o consentir. Esta tripartição possibilitou-nos o estudo da imaginação centrado, preferencialmente, no primeiro momento noético, a decisão.

⁷ *Ibidem*, p. 8.

⁸ Optamos por manter o termo em francês, atendendo a que o mesmo não possui tradução em português. “*Visée*” é o acto de dirigir o olhar para um alvo. Analogicamente passa a designar a direcção do espírito para um fim, um objectivo, um alvo. Em fenomenologia designa aquilo que a consciência é capaz de *visualizar*, de *focalizar*, de “*viser*”: a sua abertura ao mundo.

A vontade encontra na imaginação a sua génese e o solo fértil onde se enraíza, pois, decidir implica escolher e, para se escolher, várias hipóteses terão de ser levantadas antes de nos decidirmos por uma. Este momento do decidir, e do seu correlato o projectar, eleva a primeiro grau de investigação a própria imaginação. É Ricoeur que, em *Du texte à l'action*, nos ilumina para esta afirmação quando escreve: «É na imaginação que se forma primeiramente, em mim, o ser novo. Digo bem, a imaginação e não a vontade. Porque o poder de se deixar agarrar por novas possibilidades, precede o poder de se decidir e escolher»⁹. Pelo que a imaginação estética¹⁰ presente na decisão é capaz de criar uma quasi-realidade projectiva, motivadora da acção. Ela possibilita a invenção de um real hipotético que projecta o homem numa realização possível. O homem, cada homem, é livre de ser aquilo que, graças à sua imaginação, for capaz de visionar ser. A imaginação surge aqui como a mediação metódica da articulação dos dois sentidos de constituição do Si (soi) o arqueológico onde as máscaras arcaicas escondem um passado a ser recuperado num presente, e o teleológico perspectivado como projecção dum futuro, possibilitando que com sentido se possa afirmar: eu sou a minha própria invenção.

A liberdade fascinante que a imaginação exerce sobre a consciência será utilizada, por Ricoeur, em *Finitude et culpabilité*, para nos fazer entender a noção de culpa. Lembremo-nos que a culpa está ligada à consciência caída em tentação, mediante o poder sedutor da imaginação, que a fascina. O homem está sujeito à culpa precisamente porque é um ser com imaginação.

⁹ Ricoeur – *Du Texte à l'action*, 1986, p. 132. Esta citação vem referenciada na obra de Olivier, Abel, *Paul Ricoeur a promessa e a regra*, traduzida pelo Instituto Piaget, Lisboa, 1997, p. 103, a propósito de uma reflexão analítica sobre “O papel da Imaginação no Juízo” onde o juízo presente no acto de julgar é um “juízo reflexivo” tratado por Ricoeur na sua obra intitulada *Le Juste*, publicada pelas Editions Esprit, Paris, 1995. Nesta obra a “intervenção do juízo ou do agir “justo” é, então quase poética: *ela reconstrói uma pertinência jurídica, refaz o sentido e, assim abre uma nova via, uma nova representação da realidade*” através da “imaginação interpretativa”. Cf. Olivier, Abel, o.c. p. 103-104. No entanto, salvaguardamos que não é a imaginação receptiva e reprodutora que aqui se encontra referenciada, mas a imaginação afectivo-estética (capítulo I, § 1, 3, da nossa tese *A imaginação em Paul Ricoeur*), capaz de criar, no sentido de, projectar. É uma imaginação cuja função Kant antecipa na *Crítica da faculdade do juízo* sob o título do «livre jogo das faculdades», onde a imaginação assume papel determinante. Aqui as ideias estéticas, apesar de possuírem um estatuto diferente das ideias da razão, não deixam de ser ideais e enquanto tal, limites. O nosso autor retoma sempre esta dimensão da imaginação estética kantiana, quando, em obras ou artigos ligados à hermenêutica, nos revela a dimensão própria do acto criador de sentido e de significação.

¹⁰ Ricoeur – *Le volontaire et l'involontaire*, 1950, p. 94.

A *imaginação transcendental*, de raiz kantiana, presente na obra *L'homme faillible*, possui uma importância indubitável na antropologia da desproporção ricoeuriana. A imaginação é aqui entendida, na esteira da *Crítica da razão pura*, como a faculdade transcendental do sujeito, capaz de elaborar a conhecida primeira síntese kantiana que vai ser aproveitada para justificar a inteligibilidade do homem como um ser misto. O homem é um ser misto, porque opera mediações, entre duas dimensões tensionais que nele co-existem: a finitude e a infinitude, a percepção e o sentido, o *bios* e o *logos*, na e pela imaginação. Esta revelar-se-á como a zona teórica de charneira capaz de justificar o homem como esse ser misto, falível e sujeito ao erro.

Ao concluirmos o estudo sobre a obra de Ricoeur, *L'Homme faillible*, sentimos necessidade de tentar encontrar o(s) fundamento(s) dessa faculdade que detém um papel tão importante para a compreensão da falibilidade humana.

No entanto, tentar fundamentar a imaginação acaba por se revelar um paradoxo. Como se pode fundamentar algo que, pela sua própria essência é in-fundado? Ela é infundada, na medida em que não goza de um estatuto sólido na delimitação daquilo que é, ela é um misto e como todos os mistos é indefinida e simultaneamente sedutora.

Assim podemos afirmar que o contributo de Ricoeur para a nossa tentativa de fundamentação da imaginação se situa precisamente no desvelamento noético da natureza da imaginação presente nesse ser que é misto.

Retenhamos esta ideia e passemos à segunda questão:

O que é fundamentar?

Fundamentar é uma das tarefas mais difíceis do trabalho filosófico. Exige, não só o encontro dos conceitos iniciais, básicos ou alicerçantes daquilo que se pretende fundamentar, mas também a compreensão do próprio conceito: fundamentar.

Já Kant, quando quis fundamentar a sua moral, denomina a obra de *Fundamentação da metafísica dos costumes* onde explica ser aquela sua «presente fundamentação [*Grundlegung*] (...) a busca e fixação do princípio supremo da moralidade, o que constitui só por si no seu propósito uma tarefa completa e bem distinta de qualquer outra investigação moral»¹¹. Assim, para Kant, a procura do fundamento, ou melhor da fundamentação, é a busca do princípio em que algo se baseia.

¹¹ Kant – *Fundamentação da metafísica dos costumes*, 1995, p. 19.

Heidegger, por seu turno, também se debruçou sobre a problemática da fundamentação na sua obra *A Essência do Fundamento*¹² afirmando ser «a essência do fundamento (...) a tríplice dispersão emergindo transcendentalmente do fundar no projecto do mundo, na cativação pelo ente e na fundamentação ontológica do ente. E só por isso é que já o mais antigo indagar em torno da essência do fundamento se revela como entrelaçado com a tarefa de uma clarificação da essência do ser e verdade»¹³.

Recorramos, também, a Jean Ladrière, que no seu artigo “L’abîme”¹⁴, numa linguagem clara e profunda, nos ensina o que é o fundamento. «A imagem do fundamento sugere [que] (...) o pensamento do fundamento se apoia sobre a metáfora das fundações que permitem que o edifício fique solidamente preso ao chão. Onde falha o fundamento, (...) a possibilidade de queda é infinita na incessante reforma de todo o suporte. Ali, onde deixa de haver apoio, abre-se o abismo, isto é, o precipício sem fundo que se enterra na vertigem de uma insondabilidade sem limites. Do mesmo modo como o ser-suporte [entenda-se] leia-se substância] é constituído pela sua relação àquilo que nele é fundamento, [o ser] assim, também, o ser-acontecer [o devir] é constituído por aquilo que nele é abismo»¹⁵.

Na nossa tentativa de inteccionar «o que é fundamentar deparamo-nos com os estudos sobre a fundamentação das matemáticas, da linguagem e da fenomenologia, levados a cabo no início deste século. Reparámos que todos os domínios de investigação buscam, afinal, a característica tradicional de substância como entidade que por si e em si se basta, sustentando, ainda, os atributos, predicados ou substâncias segundas. É afinal o elemento primeiro e irreduzível que se procura, a base, o suporte, o rochedo firme no qual se possam ancorar as determinações ou predicções»¹⁶.

Este modelo é sugestivo do domínio ontológico que, por tradição clássica, assenta «na autonomia da substância onde existe aquilo cuja única lei é a inscrição no ser e aquilo que só possui a consistência efémera que lhe pode dar uma operação do espírito»¹⁷.

Tendo por base os pressupostos apresentados podemos concluir que fundamentar implica um processo de fundamentação onde existe o que funda, e o que é fundamentado. Esta conclusão emerge do percurso feito

¹² Heidegger, M. – *A Essência do Fundamento*, Lisboa, 1988.

¹³ *Ibidem*, p. 101.

¹⁴ Ladrière, Jean – “L’abîme”, 1976, pp.171-191.

¹⁵ *Ibidem*, p. 188.

¹⁶ Cf. *Ibidem*, p. 171.

¹⁷ *Ibidem*, p. 181.

até aqui e é exigitiva da questão central desta comunicação, pelo que passamos à terceira questão.

O que poderia ser a fundamentação da imaginação?

Na sequência do que afirmámos, perguntar pela fundamentação da imaginação é questionarmo-nos sobre o que a funda e ao mesmo tempo sobre o que é por ela fundamentado. Ou melhor, é levantar o quesito sobre o princípio capaz de assegurar a natureza da imaginação. Para o efeito interrogamo-nos: será que a imaginação pode ser estudada cientificamente? Ela é uma dimensão do homem estudada no campo da psicologia. Será que esta ciência poderá encontrar a fundamentação da imaginação no domínio de um positivismo?

É evidente que a imaginação é um campo que pertence também à psicologia. No entanto, a sua fundamentação foge a todo o psicologismo, na medida em que a imaginação não se apresenta cientificamente estudável porque ela é, na finitude humana, abertura ao infinito.

Retomemos, neste momento a noção da imaginação presente nesse ser que é misto, que deixamos em aberto no final da primeira parte deste trabalho.

Se tomarmos como pressuposto inicial o paradoxo cartesiano do homem finito-infinito e simultaneamente inteccionando o homem, na esteira de Ricoeur, como um intermediário entre uma dimensão finita e uma dimensão infinita e por isso um misto capaz de elaborar mediações, a questão que se nos coloca é a do como. Como pode o homem operar mediações entre essas duas dimensões dicotómicas, porém de uma presença tão real na sua existência?

A resposta a esta questão encontramos-la em Kant, que aliás Ricoeur segue de perto. É a imaginação a dimensão capaz de mediatizar a sensibilidade *finita*, porque *percepçionante*, e o entendimento infinito porque *determinante* de sentido.

Ensina-nos Ricoeur que o corpo-próprio é a nossa abertura ao mundo. Conscientes da ousadia, arriscamos afirmar que a imaginação é a nossa abertura ao infinito e que, precisamente por isso, perde as suas possíveis raízes finitas porque inundadas pela imensidade do ilimitado. Esta razão justifica que a dificuldade de se encontrar o seu fundamento resida na sua própria essência. Como se poderá fundamentar algo que, pela sua própria essência é in-fundado?

Ricoeur entende a imaginação como uma das zonas frágeis do ser humano. Como uma das dimensões justificativas da sua vulnerabilidade e responsável pela sua falibilidade. É natural que assim seja. Ela é uma dimensão de charneira e, como todas as charneiras é delicada e frágil,

precisamente porque nela se dá o encontro das duas dimensões do ser humano: a finitude e a infinitude. Ela não goza de um estatuto sólido na delimitação daquilo que é, ela é um misto e como todos os mistos é indefinida e sedutora.

Por isso, metaforicamente comparamos a essência da imaginação, à das areias movediças: aparentemente sólidas, porém, desesperadamente infundadas.

As areias estão lá, ocupando o seu lugar natural, mostrando-se firmes, perfeitamente perceptíveis e por isso finitas, porém, abissamente infundadas, absorventes e irremediavelmente envolventes. Tal como a imaginação, ilimitada, porém, solidamente envolvente na determinação da humanidade do próprio homem.

Chamámos a atenção para a distinção entre o que funda e o que é fundado. Ora o que funda a imaginação é ela própria. Ela é o seu próprio e único fundamento. Mas, o que é que é por ela fundamentado? O ser-homem, do homem. Esta tomada de consciência leva-nos a concluir que a imaginação é, afinal, o alicerce ontológico do próprio Homem.

BIBLIOGRAFIA:

- HEIDEGGER, Martin – *A Essência do Fundamento*, trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, Biblioteca de Filosofia Contemporânea, 1988.
- KANT – *Fundamentação da metafísica dos costumes*, trad. de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, Textos filosóficos, 1995.
- LADRIÈRE, Jean – “L’abîme”. In *Savoir, faire, espérer, Les limites de la raison*. Bruxelles: Publications Universitaires Saint Louis, 1976.
- RICOEUR, Paul – *Philosophie de la volonté: I Le volontaire et l’involontaire*. Paris: Aubier, 1950, 1988.
- RICOEUR, Paul – *Réflexion faite, autobiographie intellectuelle*. Paris: Ed. Esprit, 1995.
- RICOEUR, Paul – *Le conflit des interprétations, essais d’herméneutique I*. Paris: Ed. Du Seuil, 1969.
- RICOEUR, Paul – *Du texte à l’action: essais d’herméneutique II*. Paris: Ed. du Seuil, 1986.
- SARAIVA, Maria Manuela – *L’imagination selon Husserl*. La Haye: Martinus Nijhoff 1970, «(...) l’imagination mérite une étude approfondie», p. XI. Tradução do francês para português por Isabel Támen e António Pedro Mesquita, com o título *A imaginação segundo Husserl*. Lisboa: Centro Cultural Calouste Gulbenkian, 1994, p. 13.